

MARIA JOÃO SIMÕES

Imagotipos de Espanha em Ferreira de Castro,
Manuel de Seabra e Viale Moutinho

SEPARATA

AULA IBÉRICA

ACTAS DE LOS CONGRESOS
DE ÉVORA Y SALAMANCA
(2006-2007)

Ediciones Universidad
Salamanca

AQUILAFUENTE, 123

Imagotipos de Espanha em Ferreira de Castro, Manuel de Seabra e Viale Moutinho

MARIA JOÃO SIMÕES
Universidade de Coimbra

A IMAGEM DETÉM UM PODER incontornável na sociedade actual e, por isso, não será de estranhar que a imagologia seja um domínio em franca expansão no seio da reflexão cultural. O termo imagologia aplica-se, *grosso modo*, a dois domínios diferentes: o do estudo da imagem enquanto veículo da comunicação visual e sua simbologia e o estudo da imagem enquanto representação mental e ideológica enformada pelos textos em geral e, mais especificamente, pelos textos literários. Esta distinção não apaga o facto de haver um fundo comum nos estudos imagológicos, os quais revelam interesse quer para a sociologia, quer para a psicologia, quer para os estudos literários –pelo contrário, ela implica, isso sim, reconhecer a necessidade de abordagens diferentes, como afirma Serhat Ulagli (2004: 22).

Como se sabe, dentro dos estudos literários, a imagologia é considerada como um ramo da literatura comparada que se vai conformando ao longo do século XX, mas que só encontrará a sua terminologia própria a partir da década de 60, sobretudo depois dos estudos de Hugo Dyserinck. Se, inicialmente, os estudos imagológicos foram encarados com alguma desconfiança e apreensão por poderem carrear preconceitos ideológicos (ou outros), hoje em dia reconhece-se a sua

importância na «configuração de imagens partilhadas», considerando-se que a imagologia pode «promover, com as suas pesquisas, a expansão da tolerância entre os povos» (Sousa, 2004: 145) e ajudar a entender as diferenças culturais.

Neste sentido, a imagologia vem abrir um muito mais vasto campo de análise apto a estudar as representações literárias e culturais. Ora, nos nossos dias, é urgente compreendermos as representações literárias e culturais e o seu processo de constituição, para as podermos avaliar de modo adequado, para se poder ponderar a sua actualidade e para se fazer o importante processo de revisão que nos ajudará a construir uma outra imagética que seja mais consentânea com os nossos dias.

Se, dentro do domínio mais estritamente literário, o estudo destas representações se centrou inicialmente no estudo dos estereótipos e dos clichés, na perspectiva mais abrangente do domínio da imagologia o estudo das representações e imagens desenvolveu-se e alargou-se de forma a estudar a configuração do(s) outro(s) pelo(s) sujeito(s):

L'imagologia è lo studio delle immagini («images»), dei pregiudizi, dei cliché, degli stereotipi in generale. (Beller, 2000).

Assim, à imagologia cabe estudar as representações e imagens reveladoras de analogias, de diferenças e, ainda, de possíveis relações entre distintos sistemas culturais, como indica Nora Moll (2002: 347) visando, portanto, o estudo das representações de alteridade, do «estrangeiro», do «outro», considerado como aquele que se situa extramuros, ou «fora» das fronteiras (tidas por) nacionais, ou que representa uma outra identidade.

Mas, conquanto o campo de estudo preferencial da imagologia seja o estudo da imagem do «outro» como estrangeiro, é possível ainda descortinar um diferente domínio do estudo do «outro» que diz respeito às diferenças entre os grupos sociais, os quais, mesmo intramuros, são encarados como diferentes e por vezes «estranhos».

Neste sentido, será útil aproveitar os avanços teóricos e metodológicos da imagologia e ver como podem contribuir para a análise e o conhecimento das diferenças entre os grupos sociais que vão tecendo imagens mais ou menos estereotipadas do «outro», as quais, na maior parte das vezes, se configuram como *heteroestereótipos* negativos correspondentes a *autoestereótipos* positivos. Esta projecção da imagologia para uma dimensão intracultural aparece já pressuposta na descrição do seu objecto realizada por Manfred Beller, pois, a par de relações que implicam a noção de exterior, este teórico integra relações internas, consideradas dentro de um determinado sistema ou espaço:

La vastità degli aspetti e dei metodi scientifici con riferimento ai tanti fattori che convergono nella formazione dell'immagine che un uomo si fa dell'altro, un gruppo sociale dell'altro, un popolo dell'altro, una razza dell'altra, rispecchia lo sviluppo del nostro sapere sull'intricato rapporto fra gli uomini e le loro reazioni vicendevoli (Beller, 2002).

Partindo deste alargamento interno do *campus* disciplinar, este estudo visa salientar como se entrelaçam as representações do «outro» *extramuros*, ou seja, entendido enquanto elemento integrante de uma identidade nacional diferente, sentida como estrangeira, e as representações do «outro» *intramuros*, ou seja, entendido e lido na sua dimensão grupal. Observar-se-á, então, como se configuram as representações da alteridade de tipo grupal e como elas acabam por influenciar as representações do «outro» estrangeiro enquanto portador de uma identidade diferente.

Curiosamente, as representações configuradas nos romances «A Curva da Estrada» de Ferreira de Castro e «Terra de Ninguém» de Manuel de Seabra não evidenciam uma vontade de transmitir a visão dos autores sob um ângulo exterior, mas, pelo contrário, a tentativa, por parte dos autores, de se colocarem no cerne dos próprios conflitos, ficcionalmente vistos por dentro. As intrigas de ambos os romances incidem sobre a vivência de momentos de intenso conflito político em Espanha e figuram ambientes de choque ideológico, mostrando como os seus protagonistas se debatem entre os impulsos do seu «eu» individual e a integração de cada um deles na tessitura social.

O romance «A Curva da Estrada» é, segundo Urbano Tavares Rodrigues, um dos melhores livros de Ferreira de Castro, pois é neste romance que o autor atinge maior destreza no tratamento psicológico da personagem. Nele se narra o conflito interior de Soriano, um socialista que lutou pela República na sua juventude, mas que, com o exercício da governação e com o peso dos anos se torna cada vez mais conservador, chegando ao ponto de colocar a hipótese de enfileirar com os nacionalistas. Narrado na primeira pessoa, mais do que um romance de grande acção, este é um romance que encena o conflito ideológico-político de um advogado e deputado socialista que questiona a sua própria evolução desde jovem revolucionário a velho e experiente político cada vez mais atraído pelas ideias conservadoras –sobretudo depois de ter sido ministro e de, nessa situação, ter considerado inoportuna e materialmente pernicioso uma greve laboral. A constante autoanálise¹ que Soriano vai desenvolver permite desenhar com clareza a imagem do político enquanto tipo

¹ Por várias vezes o autor refere a «tendência para esquadrihar os sinuosos movimentos do seu espírito» caracterizadora do protagonista (Castro, 1950: 28).

social, a sua tortuosidade no enfrentamento dos conflitos, mas também os diferentes tipos de actuação política que estão em jogo na época da II República, nomeadamente os conflitos entre os políticos do Partido Nacional (assim designado no romance), representado no romance por Ballesteros e os políticos do Partido Socialista, representado por Zornoza, da ala mais radical dos jovens intelectuais e pelo protagonista, da ala mais moderada. Uma notícia de jornal levantando a suspeita de uma mudança de partido por parte de Soriano desencadeia dois encontros políticos –um entre os políticos dos partidos que se opõem e outro entre os políticos do mesmo partido– durante os quais uns e outros se estão constantemente a medir, pondo a nu os jogos políticos feitos de sedução e desprezo, de concessões e negociações, de calculismos e revezes, entendidos como característicos da classe política. Desenha-se claramente um imago-tipo grupal da classe política que, no caso do protagonista, é explicitamente aproximado da imagem tipo profissional do advogado.

Em cada um destes políticos (e no embate ideológico que representam) verifica-se uma valorização das divergências internas de cada um dos partidos, enquanto o partido oponente é visto como mais homogéneo, figurando assim um processo de estereotipização já identificado pela Psicologia, pelo qual se tende a homogeneizar o que é mais distante, como esclarece Scott Plous:

En el lenguaje de la psicología social, un «grupo interno» es el grupo al cual una persona pertenece, y un «grupo externo» es un grupo al cual una persona no pertenece (por ello, el «grupo interno» para una persona puede ser el «grupo externo» para otra persona, y viceversa). Investigaciones sobre el efecto de la homogeneidad del grupo externo han encontrado que cuando se trata de actitudes, valores, rasgos de la personalidad y otras características, la gente tiende a ver a miembros del grupo externo más parecidos que a miembros del grupo interno. Como resultado, miembros del grupo externo tienen el riesgo de ser vistos como intercambiables o disponibles, y tienen más probabilidad de ser estereotipados (Plous, 2003).

Para além de ser espantoso o facto de, em 1950 –tempo das ditaduras salazarista e franquista–, se expor o ideário e as posições socialistas de forma desassombrada, é também surpreendente o facto de a obra questionar esta estereotipização grupal, sobretudo porque o leitor tem acesso ao que cada um dos políticos pensa e que não diz ao outro –ou seja, e possível sopesar o modo como os respectivos correligionários irão reagir e todo o encadeamento de reflexões ocultado aos adversários (mas revelado ao leitor). Não estando a par das suas divergências internas, a atracção de Soriano pelo grupo antagónico é tanto maior quanto sente com agudeza os melindres causados pelas diferenças dentro do partido a que pertence. Com efeito, os primeiros sintomas

físicos e intelectuais de desgaste (prenunciadores do inevitável envelhecimento) surgem em Soriano ao mesmo tempo que chega ao partido uma nova geração de membros que vem destronar a «velha guarda» com a qual tem de se confrontar: «alguns eram professores universitários, outros pertenciam a instituições académicas», «teóricos do Ateneu» «que outras ideias defendiam» (p. 104-5). Este confronto mostra como se cria uma imagem do grupo interno mais heterogénea, porque mais personalizada e individualizada, e, para reagir a isto, Soriano escuda-se na explicação estereotipada de que com a velhice se «curva» para o conservadorismo. Assim, a metáfora da «curva da estrada» —patente no título e utilizada explicitamente pelo protagonista-narrador no capítulo V do romance (p. 107)— comporta dois sentidos simultâneos: o sentido simbólico da «abdicção» ideológica (nas palavras de Urbano Tavares Rodrigues), mas também a curva que inicia o movimento descendente da vida causada pela idade e pelos primeiros sintomas de velhice.

Contudo, este estereótipo da velhice conservadora é claramente posto em causa nesta obra. A ideia de que a idade trará necessariamente a evolução de jovem revolucionário a velho conservador funciona em Soriano como um processo de autodesculpabilização, constituindo o argumento fundamental do protagonista para justificar a sua mudança ideológica perante o seu filho Henrique. Contudo, por um lado, esta justificação esbarra logo no exemplo dos seus próprios filhos, uma vez que Soriano tem dois filhos que, desde muito novos, enveredam por posições opostas: Henrique segue as ideias socialistas do pai, mas Paco alia-se aos conservadores e tenta atrair o pai para este campo. Por outro lado, um velho amigo socialista, Pepe Martinez, presente durante discussão entre pai e filho, encarrega-se de desfazer este *cliché* dizendo que, se há homens que por fadiga mudam de opinião, outros há que mudam porque sempre foram volúveis, havendo muitos outros que permanecem sempre fiéis aos seus ideais. Na sua opinião, «a regra é os homens viverem com o facho que acenderam na mocidade». E dá como exemplo «esses velhos republicanos nos países onde, não obstante os esforços deles, a monarquia nunca tombou ou tombou efemeramente e tornou a erguer-se, como sucedeu em Espanha» (1950: 252).

É perceptível, por detrás desta argumentação catalisadora da decisão final do protagonista de não abandonar os seus ideais, a própria posição ideológica do autor, mas o romance distancia-se da estrita prescrição ideológica, ao encenar a dúvida no sujeito e ao colocar o questionamento do indivíduo face aos grupos sociais em que se move.

Consequentemente, nesta obra, o imagotipo grupal sobreleva o hetero-estereótipo. Só numa leitura mais vigilante dos preconceitos se pode captar o

desenho de um hetero-estereótipo relativamente aos espanhóis, como aquele que emerge na seguinte crítica de Soriano:

É neste nosso poder de argumentação que está o mal. A grande infelicidade de Espanha e de todos nós é que os espanhóis são o povo que mais discute no Mundo. Com palavras que parecem definitivas, e raramente o são, desencadeiam os maiores equívocos, as maiores paixões e, às vezes, até os maiores dramas. Eles fazem um barulho verbal por tudo e por nada. E como possuem uma facilidade espantosa para encontrar argumentos, são como uma trovada cheia de relâmpagos. (...) Esta qualidade é que é o nosso grande defeito (1950: 208).

Pressupostamente, ou ficcionalmente, esta é uma visão vinda de dentro para fora, uma vez que é colocada na boca de um espanhol; mas é possível descortinar nela uma visão estereotipada dos espanhóis. Porém, o hetero-estereótipo dilui-se em auto-estereótipo na medida em que é notória a oscilação entre o pronome «nós» e «eles» –oscilação essa indiciadora de um juízo crítico ora integrador, ora distanciador, sendo fácil sentir como o autor entende esta crítica como extensível também aos portugueses, auscultados como sendo pacientes atingidos pelo mesmo mal. Assim sendo, o estereótipo será extensível ao homem ibérico.

O romance *Terra de Ninguém*, escrito em 1959, embora figure uma época diferente, pois configura uma representação da guerra civil espanhola, à semelhança do anterior parte também de uma visão pressupostamente interna, já que, apresenta uma narração autobiográfica, sendo o protagonista um catalão, o Alferes Manolo Riera, que vai contando as suas experiências e memórias, principalmente do tempo em que se encontrava ao serviço num posto de retaguarda perto de Valência, no final da Guerra Civil.

Nalguns momentos deste romance parecem ecoar as tensões descritas por Hemingway em *Por Quem os Sinos Dobram*, traduzido para português em 1955 (quinze anos após a edição original); porém, mais do que narrar as atrocidades da luta fratricida, interessa ao autor pôr em relevo o conflito entre o sujeito e a situação social da guerra, considerada como aprisionadora: a guerra é responsável por coarctar todos os sonhos e por impedir a vida de seguir o seu curso normal.

Toda uma série de cruzamentos espaço-temporais obriga o leitor a questionar o sentido e a validade de certos acontecimentos: ora assiste aos dias finais da resistência catalã na guerra civil, ora recua com o protagonista às recordações da sua vida com os pais, ou da vida do pai, ora o acompanha na negrura do seu vazio existencial no pós-guerra. Estas sobreposições temporais acentuam o absurdo da guerra, avolumam os momentos de espera desgastante e adensam o medo do *front*.

Apenas o amor e a experiência sexual podem subtrair o homem ao absurdo de uma tal situação e, por isso, Riera escapa-se sistematicamente para Valência para se encontrar com Maruja, mesmo correndo risco de vida. Não tendo os traços libertários característicos do *amour fou* surrealista, este amor não deixa de ser libertação, sobretudo por contraponto à situação fratricida, tanto mais que Maruja é de Burgos. A procura sexual e o despertar do amor funcionam para o protagonista simultaneamente como fuga, como contestação, mas, principalmente, como forma de evitar que a vida se lhe escape entre os dedos, pondo a nu o absurdo dos destinos humanos. Tocando temas inevitavelmente frequentes em contexto de guerra civil –como a fome, a traição, a consciência ou a inconsciência, a execução sumária, a inveja e a camaradagem–, o romance põe em evidência como os condicionalismos da vida acentuados pela guerra apagam as opções individuais. Isto é visível quer no facto de Manolo não saber explicar porque se alistara, quer na resposta de Ramón, um nacionalista que ele tem a coragem de procurar e com o qual vai falar precisamente nessa simbólica «terra de ninguém» que separa as tropas combatentes. Eis como se processa parte desse diálogo:

– E você? Porque razão está desse lado?

Vi-o encolher os ombros, indiferente.

– Não há razão, meu velho. Foi logo ao princípio. Só tinha dois caminhos a escolher quando fuzilaram o alcalde: ou alistar-me no exército deles ou confessar que não o fazia porque era *rojo* e então metiam-me uma bala na pinha. Parece-me que não havia muito por onde escolher. Assim, ao menos a gente tem sempre a esperança de se safar... Eu cá não me ralo muito com essas coisas. O que eu quero é viver cá à minha maneira. Quero que os *rojos* e os nacionais passem muito bem (1959: 124).

A dolorosa aprendizagem do protagonista é assim uma descoberta do absurdo:

O mundo não se descobre de outra maneira, –pensava eu, –senão à custa de contínuas mutilações. E o mais grave é que tudo isso é absurdo. É um trabalho, são umas mutilações inúteis (1959: 150).

A agravar a inutilidade do entendimento do mundo surgem as diferenças identitárias entre as regiões, tornando-se impossível estabelecer pontes de comunicação entre elas em tempo de conflito, como se representa na dolorosa experiência existencial do protagonista quando avalia a sua relação amorosa:

Maruja não sabia catalão. Era de Burgos. Era castelhana. E então, nesse momento, uma sensação amarga inundou o meu ser. (...) Porque ela não falava a minha língua. Não era por isso, bem o sei. Não era bem por isso. Mas tudo partia daí. Nesse momento compreendi que havia qualquer coisa mal ajustada. Nós somos

feitos por todo um conjunto de recordações do passado. Mais: nós somos as nossas recordações. Somos o que são e no que se tornaram. E Maruja nunca poderia compreender as minhas recordações mais íntimas (1959: 46).

Ergue-se aqui o tema da diferença que provoca a incomunicabilidade. Obviamente estes temas desenham um hetero-estereótipo desta vez relativo às relações entre pessoas oriundas de regiões diferentes, neste caso, de províncias diferentes. Os preconceitos relativamente a usos e costumes diferentes facilmente conduzem à discriminação, carreando portanto aquilo que Vale de Almeida (2004) chama de «efeitos» ou «consequências negativas, opressivas ou excludentes» no inter-relacionamento social. Se, inicialmente, a relação de Manolo com Maruja vem contrariar o carácter excludente destas diferenças, no final do romance esta relação torna-se um amor impossível, sobretudo a partir do momento em que o protagonista assume que há vencedores e vencidos, ou seja, assim que às relações pessoais e sentimentais se misturam relações de poder. Daí o simbolismo que contém a tomada de consciência do protagonista, no final do romance:

O fim. A derrota. Os campos de concentração. A morte. Só então tive a consciência do significado de tudo. Só naquele momento compreendi. Sabê-lo-ia Maruja com toda a sua intuição? (...) Compreendi que, afinal, o ódio existe para além das razões impessoais. Perder queria dizer perder. Ficar à mercê, impotente e não poder controlar o seu próprio destino. Soube então que não passava tudo de um sonho muito bonito. Um vencido não tem o direito de sonhar. Ou talvez, ao fim e ao cabo, seja esse o seu único privilégio (1959: 90).

Mais uma vez se salienta como, em tempo de guerra, inevitavelmente, o «eu» individual é arrastado pelo contexto social, e como é levado a reagir gregariamente, coarctando um desenvolvimento próprio e uma consciencialização peculiar.

Em certa medida, esta é também a pedra de toque de algumas das pequenas narrativas de José Viale Moutinho incluídas nos volumes *Cenas da Vida de Um Minotauro*, de 2002 e *Já os Galos Pretos Cantam*, de 2003, que têm como cronótopo a Guerra Civil de Espanha. Com efeito, os seus contos, publicados já no século XXI, colocam em cena personagens que mostram como, durante a guerra, as pessoas são arrastadas pelas e para as situações. Isto é evidente, por exemplo, no conto «O soldado Eloy», onde se narra a história de um *nacionalista* que o é mais por influência da mãe, pessoa muito simples e muito católica, que por convicção própria; por sua vez, esta mãe, que já perdera o marido nos combates das hostes nacionalistas, não está disposta a dar a um determinada

entendimento de pátria mais uma vida que lhe pertence e convence o filho a fingir de coxo, para evitar a ida para a guerra.

Ainda mais dramaticamente representado, o tema da coacção surge também na narrativa inserta no conto «Negra sombra! Negra sombra», uma vez que se trata de uma narrativa apresentada sob a forma epistolar, permitindo assim o emergir do tom confessional capaz de criar uma atmosfera mais intensa em termos de interioridade psicológica. Através da estratégia epistolográfica, –através da recepção e da leitura de uma carta (pressupostamente) recebida por um jovem nosso contemporâneo–, o autor consegue representar a mente perturbada de um falangista galego ensombrada pelas memórias dos crimes cometidos, configurando, assim, um relato cru das atrocidades cometidas pelos falangistas –desde os *paseos* até aos fuzilamentos sumários– que tantas vítimas fizeram². Para além disto, o conto representa ainda um outro problema: o facto de as marcas deixadas pela guerra atingirem as gerações seguintes, ainda que de modo muito atenuado. A carta do falangista é dirigida a um neto de um fuzilado e faz com que este se veja confrontado com a história dos seus antepassados; tal situação obriga-o a lidar com as sequelas emocionais que permaneciam adormecidas e compele-o a procurar vestígios dos acontecimentos referidos no relato que é dirigido na carta, para poder comprovar a sua veracidade.

Esta ideia insere-se numa nova atitude face aos acontecimentos da guerra civil de acordo com a qual se procura apurar os factos com a intenção de os historiar de forma mais isenta e independente e que visa assumir as consequências nefandas desta luta fratricida. Trata-se de um posicionamento recente, indiciador da preocupação científico-analítica da História contemporânea, que visa uma maior isenção, a qual se reflecte quer no diagnóstico da incipiente burocratização nas hostes socialistas³, quer nos levantamentos de registos obituários, na recolha de dados permitida pela abertura de fossas colectivas e pelo tratamento

² Segundo François Godicheau (2005: 218), «La represión franquista en la retaguardia se habría cobrado 150.000 muertos durante la guerra y la posguerra, por 50.000 en el bando republicano».

³ Na opinião de Francisco Trindade, «É na gestão sindical que o fenómeno burocrático toma sobretudo na Catalunha um relevo numa certa medida original. (...) [N]uma organização (...) que tinha a fobia do burocratismo (...) uma nova camada de funcionários sindicais ferveja em todos os organismos do Estado ou propriamente sindicais (...). Nos concelhos municipais, na administração do Estado e mesmo no seio dos governos –nos organismos políticos de aliança anti-fascista ou propriamente anarquistas (CNT-FAI-FIJI), no seio das associações de colectividades agrícolas e industriais, no novo exército criado nas ruínas das milícias, na polícia, paralela ou não, em todo o lado onde se situa o novo poder, no topo da nova hierarquia, reencontramos o mesmo grupo de dirigentes, a camada de dirigentes sindicais estendidos nos poderes e cuja renovação por eleição é cada vez mais substituída pela agregação –a guerra obriga! Apesar da sua bandeira negra e vermelha e as conversas sobre a liberdade, trata-se bem de uma burocracia, quer dizer duma camada «separada» de dirigentes, cristalizando-se à volta de interesses específicos que resultam do exercício do poder, dum poder por sua vez económico e político» (Trindade, 2005).

científico da datação óssea, tal como se preconiza, por exemplo, no movimento de «recuperación de la memoria histórica» (Godicheau, 2005: 100), na sua luta por aclarar a distorção histórica perpetrada pelo regime ditatorial. A sua intenção é, pois, a de procurar a documentação que sustente a possível aproximação à verdade que a História almeja e persegue, tanto mais que se sabe hoje em dia, depois das observações de Walter Benjamin (entre outros), que a História será sempre perspectivada temporalmente, sendo, por isso mesmo, dependente do contexto em que é escrita.

Esta atitude é possível dada a maior distância dos acontecimentos, passada a fase do luto e da elisão necessária à sobrevivência e à sanidade mental dos «feridos» da guerra, mas é também possível pelos esforços de alguns que se preocupam em guardar os escassos registos que escaparam à vontade franquista de apagamento de um passado inglório.

É precisamente isso que José Viale Moutinho consegue transmitir através de certas personagens especialmente delineadas para figurar a conservação do registos, como acontecia com os padres, os coveiros, os notários e seus ajudantes. Tal é o caso do Padre Nicanor, personagem do conto sintomaticamente intitulado «O padre e o coveiro» (2003), que vai registando o nome dos condenados e enterrados no cemitério de Oviedo, com a anuência do coveiro Justo Parada e contra as ordens recebidas de D. Eleutério.

Plasmadas ficcionalmente, as narrativas de José Viale Moutinho denotam o seu labor de pesquisador de dados históricos e o seu trabalho de investigação sobre a Guerra Civil, realizado sobretudo na Galiza. Ainda que possam transmitir uma visão que acentua as atrocidades cometidas pelo lado dos nacionalistas, os seus contos constituem figurações ficcionais desassombradas e desentorpecidas de situações reveladoras dos esconsos mais negros da psicologia humana.

É possível, pois, descortinar alguma diferença entre as abordagens da História de Espanha traçadas nas narrativas dos dois autores do século XX e os imagotipos criados pelo escritor do século XXI. Por detrás da preocupação historicizante advinda dessa atitude de «recuperação da memória», é possível identificar de forma mais clara no escritor actual a vontade de mostrar as ligações entre as duas ditaduras que dominaram a Península e as conivências, tantas vezes camufladas sob uma capa falsamente humanitária entre os dois regimes totalitários. Isto é tanto mais compreensível quanto se sabe que, se tal o fizessem os escritores dos meados do século XX, provavelmente não chegariam a ver as suas obras publicadas.

É ainda possível observar como, sob a rejeição do apagamento do lado negro da História de Espanha, se pode intuir uma projecção e um equivalente apagamento dos escuros meandros da História portuguesa.

Assim, estes textos não revelam nem «fobie» nem «manie» relativamente ao país vizinho e se tivessem que ser intergradados nas distinções realizadas por D.-H. Pageaux seriam classificáveis dentro da uma atitude de «filie», dado que evidenciam «consideración de la cultura extranjera como equivalente a la nuestra» (*apud*, Moll, 2002: 365).

Não se trata de tentar encontrar nos escritores portugueses a atitude politicamente correcta com o mero fito de a glorificar –trata-se, isso sim, de perceber como a imagens ficcionais configuradas nestas histórias, ao enquadrarem esse contexto bélico tão marcado pela luta fratricida, realizam uma «simbolização» do espaço e uma «mitificação» específica do tempo pelo adensamento do horror, tendendo, por isso mesmo, a provocar no leitor um sentimento de empatia relativamente aos que sofrem com a guerra. Simbolicamente, a luta entre irmãos constitui um acto extremo e a sua imagem questionará sempre de forma mais fremente a relação do homem com o seu semelhante, uma vez que atinge o seu parente mais próximo – esse irmão que tendo genes semelhantes é já «outro», representando assim a inevitável alteridade de toda a espécie humana.

Extremar implica aqui figurar o limite com uma carga simbólica intensa e dramática, convocando o leitor para uma atitude de rejeição, pelo que se compreende que o poeta brade em alta voz a vergonha do homem que aniquila outro ser, tal como o faz José Gomes Ferreira no oitavo dos seus poemas sobre a Guerra Civil de Espanha:

(Sim, no século XX ainda se saqueiam cidades.
E nos séculos XXI, e XXII e XXIII...)

Depois do saque
violaram a rapariga da sombra nua!

Ah! tenho vergonha do sol e da lua.
Vergonha das flores de sangue a chorar
(porque nem todo o orvalho cai do Ar).
Vergonha da sombra a seguir-me no chão
de rastos, como um bicho de solidão...
Vergonha das nuvens, das pedras que piso,
dos olhos das crianças a voarem de riso,
dos soluços das mães
(o pão que elas comem)
e dos uivos dos cães
na noite medonha

do fuzilamento
à luz dos archotes
-com a sombra a tremer
no muro do vento.

(Mas o pior é que o Homem
tanto sujou a morte
que até tenho vergonha
de morrer.)

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Miguel Vale de, «Espanha é um fantasma português», in <http://pawley.blogalia.com/historias/19736>
- ALMEIDA, Miguel Vale de, «Estereótipos», in http://valedalmeida.blogspot.com/2004_05_01_valedalmeida_archive.html
- BELLER, Manfred (2000), «Imagologia», in *Cultural Studies.it* <http://www.culturalstudies.it/dizionario/lemmi/imagologia.html>
- CASTRO, Ferreira de (1950), *A Curva da Estrada*, Lisboa, Guimarães & C^ª.
- DYSERINCK, Hùgo, «Zum Problem der «Images» und «Mirages» und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft» in *Arcadia*, 1, 1966.
- GODICHEAU, François (2005), *La Guerra Civil en 250 Términos*, Madrid, Alianza Editorial.
- MOLL, Nora (2002), «Imágenes del «otro». La literatura y los estudios interculturales», in GNISCI, Armando (org.) *Introducción a la Literatura Comparada*, Barcelona, Editorial Crítica, S. L., pp. 347-386.
- MOUTINHO, José Viale (2002), *Cenas da Vida de Um Minotauro*, Lisboa, Âncora Editores.
- MOUTINHO, José Viale (2003), *Já os Galos Pretos Cantam*, Lisboa, Caminho.
- PLOUS, Scott (2003), «La Psicología del Prejuicio: Un resumen», in *Social Psychology Network*, 2002-2006 <http://www.understandingprejudice.org/apa/spanish/> (Tradução de «The Psychology of Prejudice: An Overview», in PLOUS, Scott (ed.) (2003) *Understanding Prejudice and Discrimination*, New York, McGraw-Hill, pp.3-48 .
- RODRIGUES, Urbano Tavares (1999), «Memória e actualidade na obra de Ferreira de Castro», in *O Militante*, n^o 238, Jan./Fev. <http://www.pcp.pt/publica/militant/238/p47.html>
- SEABRA, Manuel de (1959) *Terra de Ninguém*, Lisboa, Editex.
- SOSA, Maria Celeste Ribeiro (2004), *Do cá e do lá. Introdução à Imagologia*, S. Paulo, Associação Editorial Humanitas.
- TRINDADE, Francisco (2005), «Estado e Burocracia na Guerra Civil Espanhola», in <http://franciscotrindade.blogspot.com/2005/11/estado-e-burocracia-na-guerra-civil.html>
- ULAGLI, Serhat (2004), «La théorie de l'imagologie et la littérature», in *Portugal e o Outro: Imagens e Viagens*, Aveiro, Centro de Línguas e Culturas/Universidade de Aveiro, 2004, pp. 225-233.